2025 | Volume 9 | Pág. 1 a 21

DOI: https://doi.org/10.15536/reducarmais.9.2025.4094

Revista Educar Mais

Jovens escolarizados de Viamão (RS): percepções de si e da juventude

Schooled youngs in Viamão (RS): perceptions of themselves and youth

Jóvenes escolares de Viamão (RS): percepciones de sí y de la juventud

Raquel Amaro da Silveira Torres[1] • Victor Hugo Nedel Oliveira[2]

RESUMO

O campo de pesquisa das juventudes busca também analisar e conhecer as relações desses sujeitos com a educação e a escola. O objetivo geral da pesquisa foi entender como jovens escolarizados de Viamão percebem e vivem sua condição juvenil. Para alcançar tal objetivo, foram realizadas sete observações em diversos momentos da rotina escolar e foram realizados dois Grupos Focais, com participação de 20 jovens. A análise de dados utilizou a técnica de análise de conteúdo e considerou questões éticas como a não identificação dos jovens-estudantes e da instituição escolar cenário da pesquisa. Constatou-se que as juventudes estudadas têm plena consciência de sua condição juvenil e são capazes de perceber as diferentes situações que os jovens enfrentam durante o período de escolarização. Conciliar trabalho e estudo foi apresentada como a maior dificuldade desta juventude periférica, que convive com a necessidade de contribuir no orçamento familiar, deslocando-se para o trabalho em Porto Alegre, sem abandonar a escola. Este estudo, ancorado nas Geografias das Juventudes, revelou a necessidade de refletir o papel da escola no presente, influenciando os projetos de vida das juventudes.

Palavras-chave: Jovens; Juventudes; Direito à educação; Escola; Grupo focal.

ABSTRACT

The youth research field also seeks to analyze and understand the relationships of these subjects with education and school. The mayor objective of the research was to understand how young educated people from Viamão perceive and experience their youthful condition. To achieve this objective, seven observations were carried out at different times during the school routine and two Focus Groups were held, with the participation of 20 youngs. Data analysis used the content analysis and considered ethical issues such as the non-identification of young students and the school institution where the research was carried out. It was found that the young people studied are fully aware of their youthful condition and are able to perceive the different situations that young people face during their schooling period. Reconciling work and study was presented as the biggest difficulty for this peripheral youth, who live with the need to contribute to the family budget, traveling to work in Porto Alegre, without leaving school. This study, anchored in the Geographies of Youths, revealed the need to reflect the role of the school in the present, influencing the life projects of young people.

Keywords: *Youngs; youths; Right to education; School; Focus group.*

[1] Licenciada em Geografia e Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS – Brasil. E-mail: raqtorres.78@gmail.com

[2] Licenciado em Geografia, Mestre em Geografia, Doutor em Educação e Professor Adjunto e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS – Brasil. E-mail: victor.nedel@ufrgs.br

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

RESUMEN

El campo de investigación de las juventudes también busca analizar y comprender las relaciones de estos sujetos con la educación y la escuela. El objetivo general de la investigación ha sido comprender cómo los jóvenes escolarizados de Viamão perciben y viven su condición juvenil. Para lograr este objetivo se realizaron siete observaciones en diferentes momentos de la rutina escolar y se realizaron dos Grupos Focales, con la participación de 20 jóvenes. El análisis de los datos utilizó análisis de contenido y consideró cuestiones éticas como la no identificación de los jóvenes estudiantes y de la institución escolar. Se encontró que los jóvenes estudiados tienen plena conciencia de su condición juvenil y son capaces de percibir las diferentes situaciones que enfrentan durante su período escolar. Conciliar trabajo y estudio se presentó como la mayor dificultad para estos jóvenes periféricos, que viven con la necesidad de contribuir al presupuesto familiar, viajando para trabajar en Porto Alegre, sin dejar la escuela. Este estudio, anclado en las Geografías de la Juventudes, reveló la necesidad de reflejar el papel de la escuela en el presente, influyendo en los proyectos de vida de los jóvenes.

Palabras clave: *Jóvenes; Juventudes; Derecho a la educación; Escuela; Grupo focal.*

1. INTRODUÇÃO

Conhecer as juventudes é fundamental para a formulação de políticas públicas acertivas, uma vez que esse grupo é heterogêneo e composto por diferentes realidades sociais, culturais e econômicas. A diversidade de experiências juvenis inclui variações de classe, etnia, gênero e orientação sexual e exige que as políticas sejam adaptadas a essa multiplicidade. Além disso, as juventudes enfrentam desafios específicos, como o acesso à educação de qualidade, a inserção no mercado de trabalho e a violência, fatores que precisam ser compreendidos para que as ações públicas sejam adequadas. Portanto, entendemos que a construção de políticas públicas voltadas para as juventudes deve ser pautada por um conhecimento profundo e atualizado desse público.

Diante deste entendimento, o objetivo deste estudo é, por meio da análise da evolução do conceito de Juventude e da investigação proposta, entender como os/as jovens da instituição escolar selecionada percebem sua condição e situação juvenil. Focando em jovens-estudantes concluintes do Ensino Médio, buscamos gerar conhecimentos que possam contribuir para o fortalecimento de políticas públicas voltadas para as juventudes estudantes e trabalhadoras.

Para que fosse possível contribuir assertivamente no campo das Juventudes, associamo-nos ao subcampo de investigação da Geografia brasileira: as Geografias das Juventudes. Uma compreensão inicial sobre a temática jovem foi encontrada a partir de Oliveira (2023), através de um levantamento bibliográfico das pesquisas sobre Juventudes, no âmbito da Geografia, na pós-graduação brasileira. O autor destaca o potencial analítico dos estudos e pesquisas da Geografia no entendimento da relação dos sujeitos jovens com o espaço, como agentes de produção e reprodução destes. Ainda, segundo Oliveira (2023), os trabalhos sobre Juventudes na Geografia brasileira são recentes, datando o princípio das publicações sobre a temática no início dos anos 2000, vindo à esteira do cenário nacional de estudos de outras áreas do saber, que iniciaram estas produções uma década antes. Todavia, atualmente podemos observar que as pesquisas sobre as Juventudes estão em plena ascensão, evidenciando a relevância em estar atento aos rumos destas investigações e aos resultados produzidos, como importantes fontes de conhecimento para a sociedade.

Este artigo está estruturado em cinco seções, organizadas da seguinte forma: a introdução; o referencial teórico, que contextualiza a evolução do conceito de juventude, proporcionando ao leitor uma base para compreender as transformações e as diversas abordagens sobre o tema; a metodologia, que descreve os procedimentos adotados e os caminhos metodológicos seguidos ao

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

longo da pesquisa; os resultados, que expõem as falas dos jovens e suas percepções acerca de sua condição juvenil; e, por fim, as considerações finais, nas quais discutimos as principais conclusões da investigação e sugerimos possíveis direções para futuras pesquisas.

2. JUVENTUDES: ENTENDENDO O CONCEITO

Com o objetivo de compreender o que significa ser jovem, surgiu a necessidade de investigar a origem do conceito de juventude e questionar se os jovens sempre foram reconhecidos como uma categoria social distinta, ou se, na verdade, faziam parte de uma fase da vida marcada por estigmas que ainda persistem nos dias atuais.

Encontramos compreensão acerca do conceito de juventude e de seu contexto histórico, através dos estudos que demonstram como o conceito foi evoluindo de acordo com o local e época, até chegar ao que entendemos por juventude na atualidade. Um pressuposto que fundamenta essa ótica, de acordo com Sepúlveda (2011), é de que quando falamos de juventude, tratamos de uma condição social com qualidades específicas e que, portanto, se manifestam de diferentes maneiras, conforme a época e a sociedade em que estão inseridos. Historicamente, Cassab (2011) destaca que a construção das categorias jovem e juventude são herdeiras de representações oriundas do pensamento ocidental europeu, que diferenciavam meninos de meninas, sendo as romanas oferecidas ao casamento e os meninos das classes mais abastadas seguiam os estudos. Porém, a juventude era tratada como momento transitório, que ainda necessitava de vigilância e controle dos adultos, no qual dependia do pai a escolha do momento em que este jovem viria a se tornar um adulto.

A história do conceito evolui a partir do séc. II d.C. com a nova constituição da moralidade, onde se institui a maioridade legal. Com a intenção de temperar o caráter jovem e preservar o patrimônio familiar, as atitudes erradas começam a ser condenadas (Torres, 2024). Em Cassab (2011) observamos que na Idade Média a juventude era frequentemente associada a desordem e cabia ao restante da sociedade o papel de disciplinar os jovens, inclusive incentivando o casamento como forma de controle social. Neste momento da história do conceito, a juventude não era um momento de transição como no mundo romano, sendo os critérios morais os balizadores para a vida adulta. Também surge o artifício de enviá-los as longas expedições e as Cruzadas como forma de domar o ímpeto juvenil. Já na Europa feudal eram comuns as confrarias e corporações, onde os jovens frequentavam como forma de escapar do controle dos pais (Cassab, 2011).

Ainda de acordo com a autora, a partir dos séculos XVIII e XIX a juventude é identificada como um período específico da vida, para os filhos da burguesia, com a industrialização, libera-se do trabalho, permitindo o tempo livre, então caberia a eles o estudo e o preparo para uma profissão. É neste momento que a família começa a ser substituída pela instituição escolar, complementando a educação apreendida em casa e controlando os impulsos comuns da juventude. Já se observava as diferenças de classes e o exercício da juventude como um privilégio de alguns segmentos da sociedade: enquanto alguns podiam se dedicar aos estudos, havia os filhos dos não burgueses que eram iniciados no trabalho de forma precoce. Na segunda metade do séc. XIX a juventude operária distingue juventude de infância; e o casamento e o ingresso no exército determinam o término da juventude.

Com a chegada do séc. XX observa-se a formação de algumas concepções sobre juventudes ainda presentes na atualidade, como um momento de perversão e sendo um estágio perigoso e frágil da

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

vida dos/as sujeitos. Relacionada a estas ideias nasce a concepção da necessidade de maior vigilância e isolamento dos indivíduos durante a infância e a juventude, consequência de uma sociedade capitalista industrial que entende este período da vida como perigoso e de transição (Torres, 2024). A partir deste pensamento surge um higienismo afirmando que indivíduos de boas famílias se desenvolveriam para o bem, já os de famílias desvirtuadas tenderiam a atitudes amorais e aos vícios, sendo o jovem pobre a imagem do perigo e da ameaça (Cassab, 2011). Condensava-se a ideia de juventude, no Brasil, a jovens escolarizados de classe média (Abramo, 2005). Considerando este recorte social, a compreensão sobre as juventudes, no início do séc. XX, entende que as/os jovens são um problema e um campo de intervenção das ciências e das políticas públicas. Um dos motivos apontados para essa concepção foi o surgimento de uma juventude libertária e seus movimentos sociais, que configuraram os jovens como um problema social. Ainda neste sentido, Cassab (2011) reflete sobre a juventude como recorte etário, fase de transição ou projeto de futuro, que ora é transgressor, ora é esperança, seriam estes sentidos e representações que se modificam conforme a organização social predominante.

No contexto da segunda metade do séc. XX, de acordo com Abramo (1997), a juventude na sociedade ocidental contemporânea, permanece relacionada a problemas sociais e os pensamentos e ações sociais pensadas para estes indivíduos são focadas nas falhas no seu desenvolvimento e nas disfunções no processo de integração social. Nos anos 50 a juventude dos rebeldes sem causa, 60 e 70 os jovens dos movimentos estudantis e opositores aos regimes autoritários, anos 80 jovens mais individualistas e conservadores. Com os anos 90 se retoma um pouco a ideia de uma juventude rebelde, que apesar de estar envolvida em ações individuais e coletivas, destacam-se desvios de comportamento no processo de integração social. Como explicado por Abramo (1997) a origem destes comportamentos está na falência das instituições de socialização e da cisão entre integrados e excluídos, configurando a juventude como a encarnação de todos os dilemas e dificuldades que a sociedade tem enfrentado. A autora evidencia que o ato de relacionar a juventude aos problemas sociais nos impede de enxergá-los e entendê-los, consequentemente qualificando-os como incapazes de ações efetivamente reais.

Após compreender parte da evolução histórica do conceito e o entendimento das sociedades antigas acerca das juventudes, na atualidade é possível analisar as concepções de condição e situação juvenil, como meio de buscar compreender o jovem do séc. XXI. Uma compreensão inicial, a partir dos estudos de Abramo (2005), entende a condição juvenil como a forma que a sociedade constitui e atribui significados a esse momento do ciclo da vida e de desenvolvimento das capacidades para exercer a cidadania. Já a situação juvenil trata do modo como esta condição é vivida, fazendo os devidos recortes de classes sociais, gênero, etnia etc. Novamente destacamos que a ideia que social e culturalmente foi desenvolvida sobre esta condição juvenil, está diretamente influenciada pela época e a sociedade em que este jovem se desenvolveu.

Visto que no Brasil, o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013) em seu Art. 01, considera jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos, é importante destacar que dentro deste recorte etário, as juventudes brasileiras são diversas e múltiplas são as formas de se viver a juventude, entretanto cabe destacar que "o ponto de vista legal ainda deixa de lado muito da complexidade e diversidade assumidas pela condição juvenil" (Groppo, 2016, p. 10). Nesse sentido, da diversidade em relação à condição e situação juvenil, o termo mais adequado quando nos referimos a pluralidade dos sujeitos jovens é Juventudes, sendo esta a maneira adequada de contemplar todas as formas de ser jovem. Assim sendo, surge então a necessidade de se pensar as Juventudes como experiências conectadas ao

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

espaço, concordando com Cassab (2023, p. 77) quando diz que "o espaço é uma dimensão social que atravessa os processos de constituição da sociedade e dos sujeitos sociais." Portanto, é importante salientar que as juventudes influenciam e são influenciadas pelos espaços em que vivem, fator que deve sempre ser considerado ao analisar as juventudes, impossibilitando generalizar comportamentos juvenis apenas através do recorte etário.

É possível perceber que o conceito de Juventudes evoluiu significativamente, deixando de ser vista como uma fase de transição da infância para a vida adulta e se estabelecendo como categoria social. Cabe destacar que durante a pesquisa bibliográfica ficou evidente que a juventude masculina foi mais documentada, evidenciando o papel secundário que as mulheres jovens desempenhavam, de acordo com a história do conceito. Atualmente, a juventude é entendida como um período mais extenso e complexo, que é diretamente influenciado por fatores como classe social, raça, gênero e contexto cultural.

3. METODOLOGIA

As estratégias metodológicas desta pesquisa envolveram pesquisa de campo e estudo de caso (grupo focal), com abordagem qualitativa, permitindo explorar os significados das ações e relações humanas (Minayo, 2001). A pesquisa é aplicada, exploratória e descritiva (Gil, 2002). A combinação desses métodos, sob uma perspectiva multi-método (Pais, 1996), foi eficaz na apresentação dos dados.

O cenário da pesquisa foi uma escola localizada na região leste de Viamão (RS), distante das áreas centrais do município. Essa escola é predominantemente frequentada por moradores do próprio bairro, devido à sua localização, que não serve como ponto de conexão com outras partes da cidade. A instituição faz parte da rede pública estadual e possui infraestrutura adequada para atender turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos turnos da manhã e tarde. Segundo informações fornecidas pela direção da escola, o número aproximado de estudantes é de 540, sendo cerca de 160 no Ensino Médio, dos quais aproximadamente 60 estão no 3º ano.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens com idades entre 17 e 20 anos, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, todos residentes do bairro onde a escola está localizada. A previsão inicial pretendia realizar um grupo focal com a participação de 7 a 15 estudantes, porém devido à grande demanda de escuta por parte dos jovens, o número final de participantes foi ampliado para 20, em dois grupos focais. Dentre os participantes, 14 se identificaram com o gênero feminino e 6 com o gênero masculino. Quanto à etnia, 12 estudantes se identificaram como brancos, 6 como pardos e 2 como pretos. De acordo com o Censo de 2022, a composição étnica da população brasileira é distribuída da seguinte forma: brancos (43,0%), pardos (47,0%), pretos (9,0%), amarelos (1,0%) e indígenas (0,8%).

A pesquisa de campo foi realizada através de sete observações em diferentes datas no período de maio a setembro de 2024. Os momentos previstos para serem observamos tiveram que ser adequados de acordo com a rotina escolar, sendo assim foram observados a entrada e saída dos alunos, intervalo, merenda e as aulas de Geografia, Matemática e Projeto de Vida.

No cronograma representado no Quadro 1 demonstramos as datas, horários e momentos observados, sempre no turno da manhã, visto que os sujeitos desta pesquisa têm aula somente neste turno.

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

Quadro 1 - Cronograma de Observações

DATA	**07/05/24**	**06/06/24**	**11/06/24**	**08/07/24**	**05/08/24**	**02/09/24**	**03/09/24**
ATIVIDADE	Entrada na escola.	Merenda e recreio.	Merenda, recreio e saída.	Recreio e aula de inglês.	Entrada e aula de matemática	Aula de Projeto de Vida.	Aula de Geografia e Projeto de Vida.
HORÁRIO	7h30mih às 8h30min	9h30min às 10h30min	9h30min às 10h30min	10h às 11h15min	7h15min às 9h	11h às 12h20min	11h às 12h20min

Fonte: Organização dos autores, 2025.

A realização dos dois grupos focais ocorreu na mesma data, porém em dois momentos separados, primeiro com a Turma A e depois com a Turma B, com duração aproximada de 1h e 30min cada grupo. As duas turmas escolheram diferentes elementos para a identificação dos sujeitos, observando-se a Turma A com nomes referentes a modelos de carros e a Turma B com nomes de frutas.

A metodologia adotada para a análise dos dados obtidos fundamentou-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), uma técnica amplamente utilizada nas ciências sociais e humanas. Essa abordagem permite compreender como os significados são construídos nas comunicações, possibilitando ao pesquisador ir além do que é explícito no conteúdo e alcançar uma interpretação mais aprofundada, levando em conta os contextos culturais, sociais e históricos.

Por meio da realização do grupo focal, buscamos entender como os jovens participantes percebiam suas condições e experiências juvenis, identificando as vantagens e desvantagens associadas à juventude, bem como a maneira como, segundo sua visão, a sociedade entendia essa fase da vida.

É importante destacar que esta pesquisa seguiu os cuidados éticos definidos na Resolução 510/2016 (Brasil, 2016), que define o respeito à dignidade humana e a proteção dos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Nem a instituição escolar, nem os participantes foram identificados e também foram assinados por cada um dos envolvidos os Termos de Anuência, Consentimento e Assentimento.

Todos os participantes foram orientados quanto aos riscos e benefícios da pesquisa. Como risco pode ser entendido o desconforto em compartilhar informações pessoais e como benefícios o avanço do conhecimento sobre as juventudes escolarizadas. Nenhum sujeito foi obrigado a participar da pesquisa e o consentimento pode ser retirado a qualquer momento.

Conforme mencionado anteriormente, o público-alvo desta pesquisa consistiu em jovens escolarizados, concluintes do Ensino Médio regular. O encontro do grupo focal ocorreu de forma abrupta, uma vez que foi agendado pela direção da escola com menos de 24 horas de antecedência, impossibilitando a comunicação prévia com os jovens sobre a importância de comparecer à aula no dia da pesquisa. Ainda assim, a maioria dos jovens interessados em participar estava presente na escola no dia do grupo focal, resultando em um total de 20 participantes. Acredita-se que, com um aviso prévio, o número de pesquisados poderia ter sido maior, já que outros estudantes que haviam levado os termos de consentimento para serem assinados não compareceram na data.

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

Ainda assim, considera-se que a amostra foi adequada para a análise dos perfis juvenis presentes neste contexto, sendo capaz de gerar resultados significativos. Na sequência, nos Quadros 2 e 3 observa-se a diversidade dos jovens participantes:

Quadro 2 - Caracterização dos jovens da Turma A

Nome fictício	**Idade**	**Etnia**	**Gênero**	**Mora no bairro**	**Escolha da escola**	**Mora com quem**	**Trabalha/ ocupação**
Veloster	17	Branca	Feminino	Sim	Proximidade	Mãe e irmão	Secretária
Skyline	18	Branco	Masculino	Sim	Proximidade	Irmão, mãe e avó	Pizzaria
Fiat Uno	19	Branco	Hétero	Sim	Proximidade	Pai e madrasta	Operador de loja
Fusion	17	Pardo	Masculino	Sim	Proximidade	Mãe, irmão e irmã	Sushiman
Gol B.R.	18	Branca	Feminino	Sim	Proximidade	Namorado e família	Free
Monza	17	Parda	Hétero	Sim	Proximidade	Pais e irmã	Atendente
Range Rover	18	Parda	Feminino	Sim	Proximidade	Mãe	Não
Supra	17	Pardo	Masculino	Sim	Proximidade	Pai e mãe	Não
GTR	18	Branco	Masculino	Sim	Proximidade	Mãe	Não

Fonte: Organização dos autores, 2025.

Quadro 3 - Caracterização dos jovens da Turma B

Nome fictício	**Idade**	**Etnia**	**Gênero**	**Mora no bairro**	**Escolha da escola**	**Mora com quem**	**Trabalha/ ocupação**
Morango	20	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe,padrasto e irmão	Não
Amora	17	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe, pai e irmã	Não
Manga	18	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Pai e mãe	Não
Abacaxi	17	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe, avô e avó	Não
Melancia	17	Parda	Mulher	Sim	Única escola do bairro	Mãe,padrasto e irmão	Recepção
Banana	17	Preta	Mulher	Sim	Proximidade	Pai, mãe e irmão	Não
Uva	17	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe e pai	Não

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

Mamão	19	Preta	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe e pai	Babá
Kiwi	18	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Sozinha	Mercado
Maçã verde	18	Branco	Homem	Sim	Financeiros e locomoção	Pai e mãe	McDonald's
Abacate	17	Parda	Mulher	Sim	Proximidade	Pai e mãe	Vendas

Fonte: Organização dos autores, 2025.

Nos Quadros 2 e 3, foi possível conhecer um pouco das características dos sujeitos jovens que participaram da pesquisa, o que enriquece a análise e compreensão de suas falas, que são apresentadas nos resultados.

4. RESULTADOS

4.1 Observações de campo

Nesta seção serão apresentados os resultados das observações de campo, a demanda da escuta das vozes das juventudes e as falas resultantes do grupo focal em os jovens as juventudes com quem pesquisamos.

As observações de campo, tanto nos espaços da escola quanto nas turmas investigadas, ocorreram em sete diferentes datas no período de maio a setembro de 2024. Foram diversos momentos observados, desde a entrada e saída dos alunos, intervalo e merenda, aula de Geografia, Matemática e Projeto de Vida, componente curricular previsto no Novo Ensino Médio (Silva; Oliveira, 2023). A escola apresenta uma dinâmica tranquila, sendo importante destacar a figura central da Diretora, que sempre se faz presente nos principais momentos da rotina diária, visto que ela recebe os alunos no portão principal, interage durante o intervalo e também ao final da aula controla a saída dos alunos.

Dentre os fatores identificados, observamos uma grande variabilidade no número de alunos presentes, sendo fatores como as persistentes chuvas durante o inverno de 2024 no Rio Grande do Sul, justificados como um dos causadores das ausências. Os horários de entrada, acompanhados pela Diretora, são o momento em que os estudantes recebem a informação de quais professores compareceram na escola e até que horário eles ficarão em aula. Sempre no início do dia é papel da Diretora reorganizar os períodos das turmas de acordo com os professores presentes. Devido a este fator, algumas turmas acabam por saírem mais cedo do que o usual. Quanto às aulas observadas, a dinâmica aluno/professor costuma ser semelhante em todas as disciplinas, onde os professores expõem seus conteúdos e suas atividades relacionadas e os alunos executam. Os intervalos e a merenda acontecem ao mesmo tempo, porém nem todos os alunos costumam comer o lanche oferecido pela escola, que na maioria das vezes é composto de uma alimentação equivalente a um almoço. O lanche do turno da manhã é servido às 10h e nos dias observados, os pratos variaram entre massa com carne, arroz, feijão, salada e carne. Destacamos a importância destes momentos de observação como de extrema relevância para a integração ao grupo de estudantes e de compreensão da dinâmica escolar. Dentre estes momentos, alguns consideramos de maior relevância, como na segunda observação, a conversa que tivemos com o professor de Português:

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

> Enquanto eu esperava o recreio, um professor ficou conversando comigo e contando algumas particularidades das turmas. Ele disse que são turmas bem distintas, uma mais agitada e difícil e outra mais tranquila que acolhe duas alunas com necessidades especiais. Como estamos em período de inscrições para o Enem, eu perguntei ao professor se ele sabia se os alunos tinham se inscrito para o exame. Segundo o professor, poucos se inscreveram e que o fato de o exame ser gratuito neste ano para os moradores do Rio Grande do Sul, fez muita diferença nesta decisão dos alunos. De acordo com o professor ele sente que a grande maioria dos alunos deixaria imediatamente a escola se tivessem uma oportunidade de emprego e que ele tenta argumentar com os alunos que a longo prazo, na sua velhice mais especificamente, ter uma graduação fará diferença quando não puderem mais depender de sua força física para trabalhar. O próprio professor foi aluno da escola durante toda a sua vida escolar, fez graduação na PUC, deu aula em algumas escolas particulares e decidiu por retornar e ser professor na escola. Ele também observa que muitos alunos já não aguentam mais a escola, que já estão em outra fase da vida e querem trabalhar, então ele incentiva que façam o ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) para que consigam finalizar o ensino médio. (Diário de Campo, 06/06/2024)

Outro momento, que causou desconforto, foi quando observamos o atraso de uma professora e a falta de interesse dela em entrar em sala, onde os alunos aguardavam ansiosos:

> A turma A tinha aula com uma professora, mas nesses dois primeiros períodos da segunda-feira o componente curricular era [nome da disciplina]. A professora chegou bem atrasada, quase no segundo período e os alunos já estavam impacientes, ainda assim, quando chegou ficou um bom tempo conversando com outras pessoas que encontrou no caminho e não demonstrou nenhuma pressa em ir para a sala de aula. (Diário de Campo, 05/08/2024)

Na disciplina de Projeto de Vida, ficou evidente a falta de capacitação da docente e a mecanização das atividades propostas:

> No último período a turma A teve aula de Projeto de Vida, os alunos foram para a sala de informática e realizaram uma pesquisa sobre direitos civis, políticos e sociais. A tarefa consistiu em desenvolver uma história em quadrinhos da lei escolhida por cada grupo. Novamente os alunos permaneceram acessando outras páginas e não fizeram a atividade. (Diário de Campo, 03/09/2024)

Entre todos os momentos que observamos o cotidiano da escola, as oportunidades de acompanhar a rotina dentro da sala de aula, foram os mais significativos, por gerar uma maior aproximação com as turmas e suas atividades escolares. A observação do período da aula de Geografia trouxe o fator tempo de aula para o contexto da pesquisa, já que foi recorrente a reclamação da professora, referente ao fato de só ter um período semanal com as turmas de terceiro ano.

> Pela primeira vez consegui ir à escola no período de Geografia, na turma A. A professora começou a aula destacando que só tinha um período por semana com a turma e que estava com diversas atividades atrasadas, justificando não ter notas para fechar o trimestre. Ela perguntou à turma quem havia entregue uma atividade relativa às enchentes e destacou que valeria nota. Ainda indignada com o fato de só ter um período semanal, ela lembrou os alunos que os conteúdos referentes às trilhas contempladas na reforma do Ensino Médio, não são os conteúdos que caem no Enem. Então ela perguntou quantos iriam fazer o Enem e aproximadamente 8 alunos, de um total de 15 presentes, levantaram a mão.
>
> Após uns 15 minutos do início da aula a professora tentou iniciar algum conteúdo com a turma, mas estava tudo uma bagunça generalizada, ela só ficava reclamando de tudo que faltava e os alunos concordando. Me deu a impressão que a minha presença fez com que ela sentisse a necessidade de justificar o porquê não estava dando nenhum conteúdo aos alunos. **Ela destacou que está há muitos anos na escola**

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

> **e que nunca tinha ido lá nenhum licenciando de Geografia**, o que me remeteu ao fato da escola ficar em local muito afastado do centro de Viamão (grifo nosso).
>
> Então a aula foi passando, ela esboçou começar a desenvolver o conteúdo de coordenadas geográficas no quadro, mas não o fez. Conforme a aula foi chegando ao final começou uma discussão em torno de como os alunos seriam avaliados já que não tinham notas. A turma convenceu a professora a dar um trabalho que seria um mapa mental sobre as coordenadas geográficas. Nada muito específico, somente os conceitos básicos. Ficou acertado com a turma que esta atividade deveria ser entregue até o final da semana. A turma estava bem agitada e totalmente dispersa. (Diário de Campo, 03/09/2024)

Diante de tantos momentos observados da rotina escolar e das turmas investigadas, foi possível iniciar uma compreensão quanto à realidade destes jovens-estudantes, o que nos auxiliou no planejamento do Grupo Focal.

4.2 A demanda de escuta das vozes das juventudes

Escutar as vozes das juventudes se mostra cada vez mais urgente para a construção de uma sociedade mais justa, especialmente em contextos educacionais. Algumas iniciativas têm sido aplicadas para garantir que as opiniões e experiências dos jovens sejam ouvidas e valorizadas. Para exemplificar, destacamos a Semana da Escuta das Adolescências realizada em 2024 pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), que visou conhecer de forma aprofundada os adolescentes dos anos finais, para o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem coerente para esses estudantes, compreendendo suas necessidades específicas e valorizando a etapa de desenvolvimento em que se encontram. Além desta ação, o UNICEF lançou a Carta das Vozes, um documento que reúne demandas e recomendações de adolescentes e jovens de diferentes comunidades sobre as mudanças climáticas no Brasil. Este documento serve como instrumento de incidência e ação para relatórios oficiais e políticas públicas.

Iniciativas como estas mostram a importância de incluir as vozes dos jovens nas discussões e decisões que afetam suas vidas e o futuro do planeta, mas também em outros momentos, conforme Reis, Malta e Furtado (2018) entende-se que:

> O papel da escola na prontidão para a escuta qualificada, para o acolhimento das situações de sofrimento, reconhecimento das mudanças e das situações de risco é muito importante na constituição de uma rede de cuidados singulares (p. 2886).

Escutar as juventudes nos territórios em que estão inseridos, como o ambiente escolar, é uma forma de articular as condições históricas e culturais da sociedade na qual se inserem e se retroalimentam (Oliveira, 2021; Pinto; Imbrizi, 2021).

Nessa perspectiva, pesquisas como esta, contribuem para que cada vez mais as vozes das juventudes brasileiras sejam ouvidas e respeitadas. Essa vontade de falar e se sentir ouvido foi claramente identificada durante as observações de campo e a realização do grupo focal. Para a nossa surpresa o número de estudantes que demonstraram interesse em participar da pesquisa foi bem expressivo e por esta razão precisamos adaptar a previsão metodológica inicial, de realização de apenas um grupo focal, para a realização de dois grupos, possibilitando, assim, disponibilizar mais espaços de escuta qualificada para as juventudes com quem trabalhamos. Acreditamos que a escolha do cenário contribuiu para esse comportamento, por se tratar de uma escola da periferia de Viamão, afastada das escolas que geralmente são focos de pesquisas acadêmicas e estágios obrigatórios, criou-se nos alunos uma sensação de pertencimento e inclusão. Diversas vezes os jovens indagavam os motivos

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

de terem sido escolhidos e se mostraram muito satisfeitos por terem sido "enxergados". Para Greque Junior et al (2024) o direito à escuta das juventudes escolares, repercute nos futuros das juventudes:

> A construção do futuro é feita com os tijolos que assentamos no presente, na escuta atenta de crianças e jovens, considerando-os como "sujeitos sociais", dotados de cultura, inseridos em cotidianos de lutas e resistências, com identidades e conhecimentos peculiares. (p.3)

Portanto, a escuta qualificada nas escolas é um caminho vital para a construção de uma educação mais inclusiva e empática, que não apenas ofereça conhecimentos acadêmicos, mas também acolha as experiências e necessidades dos estudantes. Ao dialogar diretamente com as juventudes, entendemos melhor suas perspectivas sobre o mundo, suas preocupações em relação ao futuro e os elementos que consideram essenciais para a construção de um projeto de vida.

4.3 Jovens e as juventudes com quem pesquisamos

A partir das respostas às perguntas da pesquisa, elaboramos uma nuvem de palavras que evidencia as palavras mais recorrentes nas falas dos jovens-estudantes, neste momento do grupo focal. A palavra "jovem" está em destaque nas nuvens de palavras de ambas as turmas, também palavras como "pai" e "mãe", "opinião" e "trabalho", "vida" e "começa", "política" e "casa", "ônibus" e "responsabilidade", surgem em decorrência dos questionamentos e tensionamentos da pesquisa.

Figuras 1: Nuvem de palavras Jovens e as Juventudes

Turma A	Turma B
Fonte: banco de dados da pesquisa (2024).	**Organização:** dos autores (2025), via Voyant Tools.

Sendo assim, entendemos que ao investigar como os sujeitos de análise percebem a sua condição e situação juvenil, nos aproximamos da compreensão das desigualdades sociais e das diferenças nas oportunidades que estes jovens enfrentam em seus cotidianos. Quando pensamos na importância em ouvir as juventudes, concordamos com o protagonismo juvenil em suas vidas e na sociedade, tirando esse jovem da passividade e o colocando em uma posição de participação ativa. Souza (2009) explica o conceito de protagonismo juvenil e o cuidado que se deve ter com a diversidade de interpretações:

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

> O protagonismo juvenil parece designar não um método ou princípio pedagógico, mas certa capacidade intrínseca ao jovem, a de ser protagonista – ou o ator principal – no desenvolvimento do país, da chamada comunidade e do seu próprio. A imprecisão, aliás, não é um fator de debilidade do discurso, mas uma importante estratégia, ou uma peculiar operação discursiva, de fabricação do consenso (que não se deduza do uso do termo estratégia que, necessariamente, deva existir uma intenção do discurso ou um grupo de mentores, representantes do capital, sempre prontos para criarem estratagemas de dominação) (p.03).

A primeira pergunta teve a intencionalidade de registrar uma visão geral de como estes jovens percebem sua situação juvenil, através da questão "Para vocês o que é ser jovem?". Durante essa primeira discussão sobre o significado de ser jovem, diferentes participantes expressaram suas opiniões:

> Não tem tanta preocupação. Dependendo né, tem uns que com 16,17 já começam a trabalhar. Começa a ter uma preocupação maior. Mas antes já conta como juventude também né? Vocês concordam que a juventude é a fase mais leve da vida? (Monza, 17 anos, mulher, parda)

Essa dúvida, compartilhada por alguns colegas, trouxe à tona a diversidade de opiniões quanto ao que é ser jovem, entende-se este como um momento de aprendizado:

> Para o futuro. Para a vida adulta. Que depois da juventude vem a vida adulta. Não é ser responsável. Mas tu podes aproveitar e aprender ao mesmo tempo. Com as vivências. (Maçã Verde, 18 anos, homem, branco)

> São coisas que provavelmente a gente vai levar mais para o futuro. Se auto descobrir. (Uva, 17 anos, mulher, branca)

Quando questionamos quais seriam as vantagens de ser jovem, as opiniões são diversas. Os jovens que contam não verem vantagens, sugerem não enxergarem essa fase da vida com a mesma leveza que os outros colegas, pois dizem já viverem com responsabilidades de adultos. Já na turma B, o jovem Maçã Verde traz o apoio parental na juventude como vantajoso:

> Eu acho os benefícios, vantagens de ser jovem é ter o apoio dos pais enquanto ainda não é estável. Muitos não têm, mas alguns têm. Eu tenho 18 agora né, mas tipo assim, minha mãe ainda continua me ajudando. Mas no momento que eu conseguir me estabelecer eu sei que vai acabar. (Maçã Verde, 18 anos, homem, branco)

As vantagens da juventude como momento de experimentação para a vida adulta é um entendimento da maioria dos jovens participantes, se perceber como jovem também, o que difere é a visão deste momento como de curtição e sem responsabilidades. Para Monza, a juventude é um estado de espírito:

> Forever Young. Eu acho que a gente tem que aproveitar a vida no máximo, porque a gente sempre vai ser jovem. A minha avó tem 68 anos e ela acha que ela tem 17. Ela fala que ela é uma jovem senhora, ela sempre vai ser jovem. Jovem é quem aproveita a vida. (Monza, 17 anos, mulher, parda)

Para a maioria destes jovens, a juventude é um momento vantajoso principalmente quando relacionado a falta de compromissos financeiros, mas ao mesmo tempo ter seu dinheiro para pequenas compras, para os que já trabalham. A jovem Uva, da Turma B, fala seu entendimento:

> Ter essa vantagem de apoio e também ajudar financeiramente quando você precisa de algo, eles podem pegar e te ajudar, até o momento que te disser: depois que tu começar a trabalhar tu vai pagar. Tem pai que faz isso. (Uva, 17 anos, mulher, branca)

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

A liberdade, entusiasmo e a energia da juventude, foram destaques quando questionados sobre as vantagens de ser jovem. Conforme já apontado por Oliveira (2015), há jovens que entendem a juventude como uma fase de "curtição pela curtição". Sair para curtir com os amigos, sem os compromissos da vida adulta, também foi um sentimento expressado:

> Eu gosto da parte de ser jovem pela energia, entusiasmo. Quando a gente vai ficando mais adulto, trabalhando mais a gente se sente mais cansado. Eu antigamente ficava horas acordado, agora não consigo, é uma da manhã já tô cansado. (Uno, 19 anos, homem, branco)

A conversa também abordou a preocupação com a responsabilidade que vem com a parentalidade na adolescência. Maçã Verde expressou a ideia de que ter filhos pode impactar negativamente a juventude, mencionando as dificuldades que surgem, como a necessidade de conciliar trabalho e vida familiar, além da falta de uma rede de apoio. A reflexão gerou um consenso de que a juventude deve ser aproveitada antes de assumir tais responsabilidades. Sob esse viés, Maçã verde, que se identifica como um homem gay, fala sobre maternidade:

> Ter filhos eu acho que acaba com a nossa adolescência, a nossa juventude. Claro que tu não vai ficar triste quando tu ganhar, é uma vida. Mas eu acho que ser mãe não é para todas. Tem menina que não serve para ser mãe. Acho que não tem mentalidade suficiente para ser mãe. Acaba um pouco, porque aí não vem na escola. Tu vai sair da escola, tem que arrumar um emprego, não consegue emprego. Tu não vai conseguir ter uma vida. Tu vai casar, ou solteira, mãe solteira hoje em dia é complicado. Com quem tu vai deixar teu filho? Como tu vai trabalhar? Como tu vai viver? Como vai ter uma renda? Vai ter que ter ajuda da tua mãe. Da tua avó. E se tu não tem uma rede de apoio? Tu não vai ter ninguém para te ajudar. Tu vai ter que ter um namorado. Aí tu vai colocar mais uma responsabilidade em mais uma pessoa. (Maçã Verde, 18 anos, homem, branco)

Quando questionados, sobre se considerarem jovens, quase todos os participantes concordaram, afirmando que se percebem como tal. No entanto, alguns relataram um cansaço físico que associam ao de pessoas mais velhas. Muitos mencionaram que, após iniciarem no mercado de trabalho, começaram a se sentir fisicamente exaustos, chegando até a se perceber como "velhos". Um exemplo disso é a fala da jovem Abacate:

> Até minha saúde é de velha, tá louco. Eu tenho varizes, eu sou muito velha. (Abacate, 17 anos, mulher, parda)

A conversa revelou que a percepção de juventude varia de acordo com as experiências individuais e familiares. Melancia, mencionou experiências pessoais, relatando que muitos pais perderam a oportunidade de vivenciar a juventude por começarem a trabalhar cedo:

> Eu sei pelo meu pai, ele começou a trabalhar com 9 anos vendendo picolé para ajudar em casa. E ele foi poder viver de boa quando ele já tinha 40 anos. Ele morreu com 46. Meu pai. Então às vezes não é questão de ai... ele nunca teve como ser sustentado pelos pais. (Melancia, 17 anos, mulher, parda)

Seguindo o mesmo raciocínio, fica evidente que as experiências familiares são importantes fontes de informação que complementam seus entendimentos quanto a ser jovem. Como podemos observar nesta declaração:

> Eu não acho da mesma forma. Acho que tem muito jovem que tem pensamento de adulto. Adolescente que tem pensamento de adulto. Gente, tem gente que com 8 anos de idade tem que estar na rua trabalhando. Às vezes a pessoa começou a trabalhar com oito anos e está vivendo jovem com trinta e poucos porque teve que

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

> começar a trabalhar com 8. Não é porque ahhhh sou jovem de 30 anos, mas é porque foi quando ela pôde. Quando ela pôde aproveitar a vida. (Abacate, 17 anos, mulher, parda)

A jovem Abacate, define ainda mais a partir de seus exemplos paternos, trazendo novamente a juventude como um estado de espírito:

> Jovem não é questão de adolescência. Minha mãe e o meu pai começaram a trabalhar tri cedo e agora que eles aproveitam a "juventude" com 30, 40 anos. Não é porque a minha mãe tem 40 anos que ela não pode aproveitar que nem jovem. Ela pode sair, aproveitar, se divertir e chegar em casa bem feliz. (Abacate, 17 anos, mulher, parda)

Ao observarmos estas diferenças na compreensão quanto ao que é ser jovem e suas vantagens, notamos as múltiplas formas de viver a juventude. Por isso, voltamos ao conceito de moratória social, a partir do entendimento de Groppo (2015), sobre este tempo antes da vida adulta:

> A moratória social, pretensa condição da juventude no mundo moderno: separação relativa dos jovens do mundo adulto e público para o aprendizado de hábitos e valores básicos, que os predisponham a assumir papéis sociais requeridos pela sociedade quando se tornarem adultos. (p.12)

Como sujeitos que se percebem jovens, ao falarem sobre sentirem, ou não, suas opiniões respeitadas pelos adultos, percebemos que em ambas as turmas esse foi um momento tumultuado e que este assunto gera uma certa indignação, dependendo do contexto em que eles relatam dar suas opiniões. Maçã verde, estudante da Turma B relatou como se sente a respeito disso:

> Eu tive uma ocasião em casa esses tempos, fui expulso de casa. Porque minha opinião não é respeitada dentro da minha própria casa, pela minha mãe. Então, eu creio que a minha opinião não é ouvida dentro de casa. Pelos adultos no caso. Ela é sempre invalidada. Eu me sinto muito inválido dentro de casa. (Maçã verde, 18 anos, homem, branco)

Esse sentimento, de falta de momentos de escuta respeitosa por parte dos familiares, é declarado por muitos dos jovens pesquisados. De acordo com Fusion, sua opinião não é respeitada:

> No momento que eu quero desabafar, não acho que sou respeitado. Eles falam que eu sou jovem, não sei o que… tem que aproveitar mais. Não tem tempo. (Fusion, 17 anos, homem, pardo)

Surgiram casos em que o local diferencia o fato de as opiniões serem respeitadas ou não, em ambientes familiares e de trabalho:

> Olha, no meio familiar a minha opinião é respeitada, mas no meio de trabalho é um pouco sonegada. (Skyline, 18 anos, homem, branco)

Na Turma A, novamente o contexto das opiniões importam para que sejam respeitadas,

> Eu sou bem autoritária. Eu acho que tudo que eu apresento é respeitado. Mas eu não falto com educação. Quando eu falo sem educação é desrespeitado, mas geralmente quando eu falo é respeitado porque eu apresento as coisas que me incomodam, o que eu não gosto, eu vou lá e falo. Eu sou assim. (Monza, 17 anos, mulher, parda)

> Eu acho que é respeitado sim, depende muito do que eu coloco, depende muito do que eu falo. Aí, ahhh mas só tem 18 anos… foda-se. O que dói em mim as vezes não vai doer em ti e tá tudo bem. (Range Rover, 18 anos, mulher, parda)

Também surgiram posicionamentos de estudantes que preferem não compartilhar suas opiniões, porque entendem que elas não são respeitadas. Principalmente quando o assunto é opinião política,

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

diversas vezes os estudantes relataram que essa temática gera tensão com os familiares mais velhos, que argumentam que os jovens não sabem o que dizem. Para Tomizaki e Daniliauskas (2018), esse período da vida costuma trazer esse confronto de opiniões:

> Portanto, a juventude seria o período no qual valores e práticas assimilados no âmbito familiar seriam confrontados com novas experiências, que podem ser vivenciadas tanto em um plano microssocial (relações interpessoais de amizade, relacionamentos afetivos, vínculos associativos e religiosos, etc.), como também pelos desafios macrossociais, materializados em determinadas conjunturas políticas, econômicas e sociais nas quais os jovens estão inseridos.

Todavia, Ferreira e Oliveira (2021) destacam a participação política como um aprendizado também para a vida adulta:

> Diante disso, enfatizamos que a participação política é também um aprendizado, um processo que "se faz aprendendo" e "se aprende fazendo", já que não é constituído naturalmente nas pessoas. Além disso, "não participar" ou ter uma posição "neutra" em determinada discussão não isenta as pessoas de viverem os efeitos das suas decisões. Por isso, enquanto seres políticos, sempre nos formamos e nos constituímos na relação com os outros, no encontro com as diversidades; em processos que revelam nossa incompletude, nossos medos, mas também nossas potências para criar e recriar o mundo. (p.33)

Os jovens discutiram as dificuldades enfrentadas atualmente no Brasil, para viver a juventude, e identificaram questões como drogas, falta de apoio familiar e conselhos, e escassez de empregos. A importância de um suporte psicológico nas escolas, foi relatado e observado que o Serviço de Orientação Educacional (SOE) desta instituição escolar não é devidamente valorizado e muitas vezes falha em oferecer privacidade e apoio genuíno. Essa demanda surge de forma recorrente:

> Às vezes eu acho que tem um bagulho que deveria ser muito valorizado. Eu falei aquele dia sobre psicologia, esses bagulhos sabe, para os professores e para os alunos. Eu acho que deveria ter. Tem o SOE, mas é muito jogado. Em todos os colégios, não só nesse. O SOE mais te julga do que te ajuda. E não é só nesse colégio tá gente, eu já venho de outros e é assim. (Range Rover, 18 anos, mulher, parda)

Conceição (2010) enfatiza que o orientador educacional deve desempenhar um papel fundamental no processo de ensino dos alunos, afirmando que:

> O orientador educacional deve ser o agente de informação qualificada para a ação nas relações interpessoais dentro da escola, adotando a prática da reflexão permanente com professores, alunos e pais, a fim de que eles encontrem estratégias para o manejo de problemas recorrentes. Esse profissional não deve assumir posturas isoladas, pois a excelência de seu papel é a mediação qualificada, se há disputa entre o orientador e os demais envolvidos, isso é tão visível quanto tangível. Sua formação deveria ser precisa, mas na prática atuam nessa função vários tipos de profissionais. Além do aspecto da formação, também enfrentamos a variação de modelos. A presença do orientador educacional na escola (mesmo que isso seja obrigatório por lei) significa, portanto, que houve a escolha de determinado tipo de atuação e, por consequência, de um modelo. No panorama de enfrentamento, quando ele está presente, há que perguntar qual é o modelo de orientação educacional que a escola quer, pois, sem essa informação, poderemos estar diante da evidência de um equívoco permanente e de mais um problema num campo que, por excelência é o da resolução de problemas. (p.49)

Para alguns jovens-estudantes ao procurar o SOE, há um risco de exposição, pois a confidencialidade supostamente não seria mantida. Contam que:

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

> Se falar com o SOE, a escola toda vai saber. Vou ali falar com o SOE e depois a escola toda vai ficar sabendo do meu problema. (Veloster, 17 anos, mulher, branca)

Na discussão surgiu a necessidade de falar sobre as dificuldades de conciliar trabalho e estudo no Brasil, destacando especialmente a precariedade do transporte público, a jovem Banana desabafa:

> O transporte para o jovem é a pior coisa que existe, entendeu? Porque é uma coisa super desvalorizada. Os ônibus de Alvorada e de Viamão são tudo uma sucata velha, eles pegam os ônibus e ficam reaproveitando e depois pega fogo lá em Porto Alegre. A gente tem que ficar pegando aqueles ônibus capengas, que fica estragando no meio do caminho e aí atrasa mais a gente que demora uma hora e pouca para chegar no serviço. (Banana, 17 anos, mulher, parda)

Os jovens mencionaram que conseguir um emprego compatível com o horário escolar é um desafio, assim como a locomoção, devido à falta de ônibus e à baixa qualidade dos veículos, que muitas vezes estão em más condições e enfrentam problemas mecânicos. O custo do transporte, que pode chegar a oito reais, agrava ainda mais o apertado orçamento. Também citaram que trabalhar e estudar simultaneamente compromete o tempo livre e, em alguns casos, prejudica o rendimento escolar, especialmente para quem exerce funções fora do programa de jovem aprendiz, que requer mais dias de trabalho. Novamente surgem as dificuldades de ser jovem no Brasil:

> O problema não é nem o preço, porque às vezes a empresa paga. O problema é o horário. Se tu vai trabalhar no centro, tu vai pegar a uma hora o ônibus. A gente sai daqui ao meio dia e vinte, mas só tem ônibus a uma hora. Se tu vai para Porto Seco ou Sertório tu consegue até pegar um horário, mas chega lá a uma e meia. Eu trabalhava em uma empresa na Sertório, eu pegava o ônibus meio dia e vinte. Eu chegava uma e quarenta, eu tinha que comer, trocar de roupa em vinte minutos. O ônibus demorava, dava muita volta e o horário também era complicado. Às vezes eu chegava lá uma e quarenta, eu já cheguei a uma e cinquenta. Tinha que fazer em dez minutos, caminhar, comer, eu já comi no ônibus também já. É uma coisa que prejudica todos nós. Jovem aprendiz a gente tem um pouco de alívio. Porque não trabalha no sábado e não trabalha no domingo. Eu vou trabalhar no domingo, sábado e feriado também. Aí vai começar a complicar em nota. (Maçã verde, 18 anos, homem, branco)

Estes jovens expressaram que o que mais gostam sobre ser jovem, está associado à liberdade e falta de compromissos como os da vida adulta, porém os que já enfrentam obrigações com trabalho e com os afazeres domésticos, dizem já não se sentirem tão jovens. Essa relação com compromissos da vida adulta, apareceu em diversos depoimentos:

> Acho que o que eu mais gosto de ser jovem é sair e pensar que no outro dia eu tenho um filho para cuidar. (Abacate, 17 anos, mulher, parda)

> Quando você é adulto, isso que eu quero dizer, minha mãe e meu pai quando querem sair, eu tenho uma irmã pequena, eles têm que levar ela junto, tem que ver com quem deixar. Quando tu é jovem e não tem filhos, tu só sai. Tu pede pra tua mãe: Oh, mãe, vou dar uma voltinha. Vou lá no mega comer um pastel, já volto. (Monza, 17 anos, mulher, parda)

Esses depoimentos colaboram para o entendimento quanto ao momento em que se deixa de ser jovem. Para estes dois grupos de jovens estudantes, deixa-se de ser jovem quando começam a assumir responsabilidades mais sérias, quando começam a contribuir financeiramente em casa ou administrar contas próprias, como aluguel ou manutenção de um carro. Monza e Veloster enfatizaram que a mudança acontece ao sentir a obrigação de planejar e reservar parte do salário para despesas mensais:

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

> Mesmo quando tu começa a trabalhar e a tua mãe e o teu pai já te pedem uma ajuda. Tipo, vamos pagar uma água aí, e a internet? Aí tu começa a ter uma responsabilidade. Mas a partir que tu começa essa ajuda tu já tem uma obrigação. Todo mês do teu salário tu tem que deixar sobrar. (Monza, 17 anos, mulher, parda)

> Mas não é uma responsabilidade tão grande quanto ter uma casa e um carro para manter. Tem que saber que tem que deixar o dinheiro para ti e para pagar as contas. (Veloster, 17 anos, mulher, branca)

Mas também esta passagem da vida jovem para a vida adulta aparece como um sentimento de responsabilidade, como já visto em Oliveira (2015), na categoria "curtição com responsabilidades", esse sentimento faz parte deste momento de transição:

> Quando alguma coisa morre por dentro. Eu acho que a juventude é um estado de espírito. Para mim quando eu casar eu acho... mas eu não quero. Eu acho que as responsabilidades te fazem deixar de ser jovem. (Melancia, 17 anos, mulher, parda)

> Eu acho quando começa a perder esse estado de ser jovem é realmente quando tu começa a ter responsabilidade. Porque tua cabeça começa a se desenvolver, eu não posso fazer isso porque tem risco. Eu não posso mais fazer isso porque tenho filho para cuidar. Porque tenho que trabalhar para pagar as minhas contas. Eu não posso mais fazer isso porque tenho a minha casa para limpar. Eu não posso comprar um tênis que eu achei lindo maravilhoso porque eu tenho a conta do celular para pagar. (Uva, 17 anos, mulher, branca)

Como dinâmica para gerar interação durante o Grupo Focal, utilizamos a música "Não é Sério", da banda Charlie Brown Jr. para contextualizar a forma como os jovens são compreendidos pela sociedade. A letra exprime o sentimento que o jovem no Brasil não é levado a sério, então a partir da leitura da letra e da escuta da música, perguntamos se eles concordavam com a letra e com o fato de no Brasil o jovem não ser levado a sério. A maioria disse conhecer a música e concordar em partes com a afirmação, de que o jovem no Brasil não é levado a sério, principalmente quanto a opinião política:

> Vamos supor em questão de política, se tu der tua opinião no meio dos mais velhos, tu é jovem, tu não sabe nada. (Veloster, 17 anos, mulher, branca)

> Ainda mais que tu não vota. Quando eu entrar em discussão de política, "fica quieta que tu nem vota". Lá na minha casa a minha mãe é Bolsonaro e o meu pai é Lula. Só que tem um problema, a minha mãe ela sabe argumentar, o meu pai não. Ele só fala assim: Bolsonaro é racista! Meu pai não entende nada de política, tem que ver o debate lá na minha casa. (Monza, 17 anos, mulher, parda)

Tensionando esta discussão, os jovens foram perguntados se essa situação, de disputa de opiniões políticas, se agravou após as eleições de 2018. Estes jovens concordaram e relatam que:

> Tem gente que até hoje não fala com pai e mãe por causa de política, gente. Isso eu acho um absurdo. (Range Rover, 18 anos, mulher, parda)

Por meio dessas questões, foi possível conhecer como estes jovens entendem o que é "ser jovem" e como suas opiniões e sentimentos variam de acordo com suas experiências pessoais. Ficou claro que, embora todos se reconheçam como jovens em termos de idade cronológica, eles também entendem que existem diversas maneiras de vivenciar esse momento da vida, dependendo dos contextos nos quais estão inseridos. Demonstram ter consciência de sua condição juvenil e percebem as diferentes situações que outros jovens vivem esta etapa da vida.

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o auxílio de uma compreensão inicial sobre as juventudes, fundamentada em um referencial teórico previamente estabelecido, foi possível analisar como o conceito de juventude evoluiu historicamente, de uma fase da vida que necessitava vigilância dos adultos, até o entendimento atual do jovem como um sujeito de direitos.

Entre os outros aspectos analisados neste trabalho, no campo de pesquisa das juventudes, estão juventudes e mobilidade urbana, visando entender as dificuldades que os jovens enfrentam em conciliar suas rotinas, apesar da precariedade do transporte público; a demanda da escuta das juventudes, diante do grande número de jovens interessados em participar da pesquisa; e juventudes e trabalho, tendo em vista que mais da metade dos jovens pesquisados neste trabalho já estão inseridos no mercado de trabalho.

Através das observações de campo, realizadas em diversos momentos da rotina escolar, foi possível planejar a evolução da pesquisa no sentido de trazer a dinâmica do grupo focal para aquelas realidades juvenis, contribuindo para resultados mais fidedignos. Também acreditamos que opção pelo grupo focal, como estratégia metodológica, revelou-se adequada diante da grande demanda de jovens que desejavam ser ouvidos. Posteriormente às observações de campo e ao grupo focal, na análise de dados, foram utilizados os diários de campo das observações e as transcrições dos dois momentos de grupo focal com as duas turmas investigadas. A comprometida escuta das falas juvenis, conectadas ao embasamento adquirido através do referencial teórico, confirmaram a assertividade da escolha metodológica da pesquisa.

Sendo assim, em "jovens e as juventudes com quem pesquisamos", foi possível observar que os participantes se identificam como jovens, entendem a diversidade do conceito e as múltiplas formas de viver a juventude. Compreendem as vantagens de ser jovem, mas observam que alguns colegas não têm as mesmas oportunidades de aproveitar essa fase da vida, precisando assumir responsabilidades precocemente. Estes sujeitos gostam de ser jovens, principalmente relacionando a juventude à liberdade dos compromissos da vida adulta, porém não gostam de não ter suas opiniões respeitadas exatamente pelo fato de serem jovens. Eles relatam que as principais dificuldades que as juventudes enfrentam no Brasil, estão relacionadas à baixa qualidade da educação na escola pública, a mobilidade urbana e as oportunidades de trabalho precárias para os que não têm Ensino Médio completo.

Identificamos que analisar as juventudes a partir da perspectiva do espaço permite compreender como as condições geográficas, sociais e culturais influenciam suas experiências de vida. No caso de juventudes periféricas, a localização geográfica afeta o acesso a serviços essenciais, como educação, saúde, transporte e cultura.

No caso desta pesquisa, a escolha de uma escola periférica, trouxe a visão de o quanto o espaço vivido interfere nos projetos de vida destes jovens, concordando com Santos (1996), quando diz que o espaço vivido se refere à maneira como as pessoas percebem, experimentam e se relacionam com o espaço ao seu redor, levando em consideração suas vivências cotidianas, suas interações e as significações que atribuem aos lugares. Fatores estes evidenciados nos momentos de observações e nas falas dos grupos focais.

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

As limitações encontradas para a realização deste estudo, devem-se ao fato de as observações de campo precisarem ser reagendadas, devido ao desastre climático que ocorreu em maio de 2024 no estado do Rio Grande do Sul.

Pretende-se avançar o estudo, buscando compreender como estas juventudes entendem o papel da escola na sua trajetória de vida e de trabalho, assim como conhecer quais são os projetos de vida que estes jovens planejam para o futuro.

Por fim, acreditamos que esta investigação contribuiu para o reconhecimento e valorização das experiências destas juventudes, através de um olhar atento ao cenário escolhido, de uma escuta comprometida com as falas destes jovens e de uma análise criteriosa dos resultados.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPEd, n. 5, maio-agosto; n. 6, setembro-dezembro, p. 25-36, 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 10 de jan. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n° 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 10 de jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 5 ago. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852 Acesso em: 10 de jan. 2025.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011.

CASSAB, Clarice. Pensando juventudes e cidade a partir da experiência de jovens cotistas. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023. p. 191.

CONCEIÇÃO, Lilian Feingold. **Coordenação Pedagógica: princípios e ações em formação de professores e formação do estudante**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FERREIRA, Priscylla Ramalho Dias; OLIVEIRA, Sebastião Everton de. **Juventudes e Participação Política**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. Ebook, 40 p.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GREQUE JUNIOR, Leonardo da Silva; COLARE, Vitória Lima; CHAIGAR, Vânia Alves Martins; CORRÊA, Alisson Souza. **Juventudes escolares e o direito à escuta: Algumas considerações**. Anais do Seminário de Educação, Diversidade e Direitos Humanos, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 01–05, 2024. DOI: 10.56579/sedh.v2i1.1137. Disponível em:

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

<https://revistas.ceeinter.com.br/anaisdoseminarioeducacaodiversid/article/view/1137>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

GROPPO, Luís Antonio. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis**. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul. 2015.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventudes: Sociologia, Cultura e Movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens: o ensino de geografia e a escuta das juventudes**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/128887>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 358–372, 2021. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2279. Acesso em: 13 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das juventudes: A construção do estado da arte na pós-graduação brasileira. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 59–78, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023. 191 f.

PAIS, J. M. Das regras do método, aos métodos desregrados. **Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 85–111, jan. 1996.

PINTO, Danielle Kepe de Souza; IMBRIZI, Jaquelina Maria. Pontes na assistência social: a criação de um dispositivo de cuidado entre juventudes. **Estilos da Clínica**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 3, p. 616–631, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v26i3p616-631. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178050>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

REIS, A. A. C. dos; MALTA, D. C.; FURTADO, L. A. C. Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2879–2890, set. 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEPÚLVEDA, María Eugenia Villa. Del concepto de juventud al de juventudes y al de lo juvenil. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, v. 23, n. 60, p. 147-157, maio-agosto 2011. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/REYP60-Villa> Acesso em: 10 de jan. 2025.

SILVA, Gabrielle Bezerra da; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Quem são os jovens que vivenciam o "novo" Ensino Médio? Um estudo de caso em Porto Alegre/RS. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 7, p. 915–930, 2023. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/3442. Acesso em: 13 jan. 2025.

CC BY-NC 4.0
e-ISSN 2237-9185

SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade**, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009. Disponível em: <https://www.usp.br/ReginaMagalhaes_Protagonismo-juvenil-o-discurso-da-juventude-sem-voz.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 214–238, jan. 2018.

TORRES, Raquel Amaro da Silveira. **"E depois da escola?": um estudo sobre os projetos de vida de jovens escolarizados de Viamão (RS)**. 2025. 107p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2025. Disponível em: " E depois da escola?": um estudo sobre os projetos de vida de jovens escolarizados de Viamão (RS)". Acesso em: 21 de mar. 2025.

Submissão: 13/01/2025

Aceito: 03/04/2025